

MAIS DÚVIDAS QUE CERTEZAS: ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO NO PALEOLÍTICO PORTUGUÊS

Nelson A. C. Almeida²

Resumo:

A definição de padrões de ocupação do espaço para o período Paleolítico no território atualmente português apresenta-se como uma tarefa complicada. Esta dificuldade em sintetizar dados credíveis resulta de um conjunto de fatores que acrescentam um elevado número de incertezas em qualquer cenário que se queira traçar. Um dos fatores de maior relevância assenta na dimensão temporal que caracteriza este período. Desde os primeiros vestígios de ocupações humanas no território português ainda não datados e o final do período poderão estar aproximadamente um milhão de anos. Confrontados com uma trama temporal tão extensa tentar generalizar pode levar ao desastre.

Outra realidade a ter em atenção corresponde ao reduzido número de estações identificadas, escavadas e datadas. O estudo do Paleolítico português embora bem representado nos primeiros tempos da Arqueologia portuguesa atrai cada vez menos investigadores. Esta tendência reflete-se no número de estações intervencionadas e por conseguinte na quantidade dos dados fiáveis disponíveis. Mesmo com estações escavadas com rigor obter datações absolutas para o Paleolítico médio e inferior não tem sido tarefa fácil. Embora seja mais acessível conseguir balizar cronologicamente o Paleolítico superior, as margens de erro apresentadas pelas datações, tornam ilusórias aparentes contemporaneidades.

Serão estes constrangimentos obstáculo à definição de estratégias de povoamento para este período? Sem dúvida. Mas os dados que se vão recolhendo e publicando, embora escassos, permitem apresentar algumas hipóteses de trabalho. O incremento dos dados

² DRCALEN/ CHAIA [2016] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UÉ 2014] - [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]. phanapaleo@gmail.com

que se dispõe vai permitindo responder, pouco a pouco, e porque o tempo é relativo, a algumas das questões que se colocam sobre a forma como se intuía o espaço no período Paleolítico.

Palavras-chave: Paleolítico, Estratégias de Povoamento, Ocupações Humanas.

Abstract:

To unlock the patterns of Palaeolithic human space settlement in the Portuguese territory is a delicate task. The difficulty to gather credible data about this issue is the result of the amount of factors that increase highly the number of uncertainties in whether scenario we might draw.

One of the first factors results from the temporal range that defines this period. Since the first human ancestors steps in the territory actually known as Portugal, probably one million years had already past. Try to generalise data in such a huge time frame is a god starting point to disaster.

One other contingency to be aware for lay in the small number of sites that has been identified, excavated and directly dated. The investigation of Portuguese Palaeolithic, although well present in the dawn of Portuguese Archaeology, attracts nowadays less and less researchers. This tendency reflects in the number of sites under investigation and therefore in the amount of faithful data available. Even when a site goes under an accurate dig and reveals valuable data, reaching absolute dating for Lower and Middle Palaeolithic human occupation is not an easy task. For the Upper Palaeolithic, the diverse methodological dating techniques available allow a more precise chronological framework, but one should be aware for the error margin present in all dating, creating apparently contemporaneous sites.

Are all this constrains an obstacle to an understanding of Palaeolithic settlement patterns? Unfortunately, yes. Fortunately the scarce data that has been slowly collected and published allows the presentation of some working hypotheses. This slow flow data increase the knowledge about this remote period and allows, step by step, to unravel some of the tormenting questions one still have about how Palaeolithic humans understand their world.

Key-words: Palaeolithic, Settlement Patterns, Human Occupations.

Introdução

A tentativa de vislumbrar um pouco mais sobre quem eram, como viviam e o que faziam os grupos humanos que viveram no território atualmente português, durante quase um milhão de anos é o objetivo de todos os pré-historiadores que se tem debruçado sobre o Paleolítico. Seriam constituídos por grupos de pequena dimensão, unidades familiares simples ou alargada ou grupos de maior dimensão? Haveria algum tipo de alteração na estrutura do grupo ao longo do ano?

Como se moveriam estes grupos? Que trajetos cumpririam durante uma estação, um ano ou uma geração? Certamente deveriam ter que suprir necessidades básicas para sobreviver. E para sobreviver existem necessidades diárias como a água, alimentos e combustível para alimentar os seus fogos. Outras menos recorrentes como adquirir matéria-prima para a suas ferramentas. Cumpririam outras deslocações com fins sociais?

De que forma intuiriam o espaço, o seu espaço conhecido, explorado? Como utilizavam o espaço frequentado para conseguir o seu aprovisionamento? Como geriam o seu espaço habitacional? Como transformavam o seu mundo criando o seu próprio *microcosmos*? São questões basilares para a caracterização de qualquer sociedade mas cujas respostas são, amiúde, difíceis de responder.

Para uma época tão recuada no tempo, as únicas informações de que se dispõe tem a forma de vestígios materiais resultante dos restos de atividades humanas, adquirindo realidades heterogêneas na sua natureza. São necessárias condições muito particulares e singulares para que estações paleolíticas cheguem à atualidade, em melhor ou pior estado de conservação. A maior parte delas são destruídas gradualmente desde pouco tempo depois do seu abandono até aos dias de hoje. Por outro lado, as características das sequências geológicas e sedimentares que facilitam a boa conservação das estações, contribuem porém para dificultar a sua identificação. Mesmo com trabalhos de prospeção arqueológica sistemática, intensiva e competente só uma ínfima parte das jazidas são localizados. Desta ínfima parte, apenas um número residual consegue ser escavado e datado. Mesmo depois de datado a incerteza mantêm-se porque muitas dessas datações têm margens de certeza da ordem dos milhares de anos.

O contingente humano com que se trabalha no Paleolítico é exponencialmente inferior a qualquer outro período da História. Durante este período a densidade populacional na Península Ibérica e por consequência em Portugal seria residual. As tentativas mais recentes para chegar a uma estimativa das populações durante o Pleistoceno variam grandemente consoante as metodologias adotadas. Os cálculos baseados na genética apontam para uma população em idade reprodutiva de cerca de 10 000 indivíduos, enquanto estudos baseados em comparações etnográficas referem densidades demográficas entre os 500 000 e 1 000 000 de indivíduos para o continente Euroasiático (Eller, 2004). Outra tentativa para estimar a população do Paleolítico superior conjugando densidades populacionais de caçadores recolectores modernos e com o número de sítios arqueológicos sugere uma população base de 4400-5900 indivíduos ou um intervalo entre 1700 e 37 700 com nível de confiança de 95% (Bocquet-Appel *et al.* 2005). De qualquer modo, partindo da estimativa genética, falamos de densidades de cerca de 1 indivíduo por 30 000 K² ou para ser mais perceptível, uma pessoa numa área do tamanho do Alentejo... Fazendo fé na estimativa mais otimista da abordagem etnográfica a densidade deste mesmo Alentejo seria de cerca de 33 habitantes. Qualquer uma destas hipóteses tem que ser recebida com uma prudente cautela.

Outro problema que se enfrenta quando se tenta retirar generalizações sobre os períodos mais recuados do Paleolítico tem a ver com o número de estações descritas na bibliografia para a hiato temporal que constitui esse período. Para o Paleolítico inferior verifica-se a existência de cerca de 320 sítios para um espaço temporal da ordem dos 800 000 anos. Se estas estações se distribuírem equidistantemente ao longo deste período daria uma estação aproximadamente a cada 2500 anos. Para o Paleolítico médio este cálculo daria algo como uma estação aproximadamente a cada 738 anos. Já no Paleolítico superior estar-se-ia a falar de uma estação aproximadamente a cada 70 anos. Embora este exercício não assente em qualquer fundamento científico permite-nos relativizar toda a tentação de “contemporaneidade” entre estações, principalmente, quando o objeto do estudo é o Paleolítico inferior.

1. Os dados

1.1. O registo quantificado.

A primeira tentação quando se tenta caracterizar um determinado período é quantificá-lo. Caiu-se nesse pecado e realizou-se esta quantificação. Para esse fim recorreu-se à base de dados da arqueologia portuguesa, vulgo Endovélico e a Radiocarbon Palaeolithic Europe Database v20 (Vermeersch, 2016).

Aparecem referidos na base de dados *Endovélico*, em Maio de 2016, quando se preparou a comunicação que deu origem a estas linhas, 940 sítios adscritos ao Paleolítico. Destes locais 321 vêm referenciados como pertencentes ao Paleolítico inferior, 271 ao Paleolítico médio e 348 ao Paleolítico superior (Fig. 1).

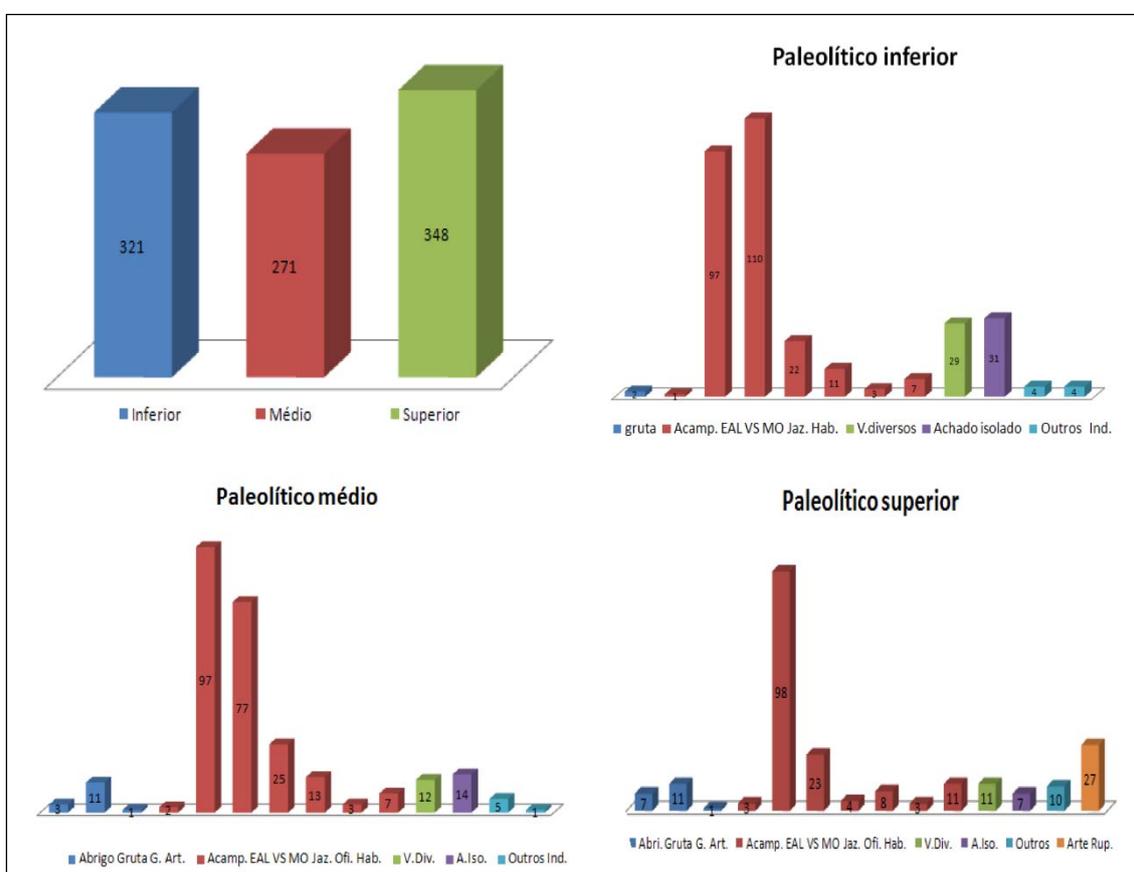


Fig. 1. Em cima à esquerda: Número de sítios referenciados na base de dados Endovélico por período. Em cima à direita: Designação dos sítios referenciados para o Paleolítico inferior, na mesma base de dados, como gruta, acampamento, estação de ar livre, vestígios de superfície, mancha de ocupação, jazida, habitat, vestígios diversos, achado isolado, outros e indeterminado.

Em baixo à esquerda: Designação dos sítios referenciados para o Paleolítico médio, na mesma base de dados, como abrigo, gruta, acampamento, estação de ar livre, vestígios de superfície, mancha de ocupação, jazida, habitat, vestígios diversos, achado isolado, outros e indeterminado.

Em baixo à direita: Designação dos sítios referenciados para o Paleolítico superior, na mesma base de dados, como abrigo, gruta, acampamento, estação de ar livre, vestígios de superfície, mancha de ocupação, jazida, habitat, vestígios diversos, achado isolado, outros e indeterminado.

Segundo o *Endovélico*, em relação à localização destes sítios, no que diz respeito ao Paleolítico inferior, aparecem apenas referências a três sítios em gruta/ abrigo, enquanto aparecem 250 atribuídos ao que se pode considerar genericamente estações de ar livre. No caso do Paleolítico médio encontram-se 19 sítios em gruta abrigo e 224 localizados como estações de ar livre. No que diz respeito ao Paleolítico superior verifica-se a presença de locais apenas considerados genericamente como pertencentes cronologicamente ao paleolítico superior e sítios associados mais precisamente a determinados complexos tipo-tecnológicos. O Paleolítico superior indefinido apresenta 18 sítios localizados em gruta e 147 em estações de ar livre. A ocupação da paisagem aparece neste período com uma nova realidade a presença de 27 estações de arte rupestre.

O maior número de estações atribuídas ao Paleolítico superior e, principalmente, a maior investigação a que os sítios atribuídos a este hiato cronológico tiveram direito, aliado ao número de datações de C14 existentes, permitiram uma definição mais rigorosa deste período. Não admira, pois, que além das estações simplesmente denominadas de Paleolítico superior existam um conjunto de estações com uma atribuição crono-tipo-tecnológica mais minuciosa. É assim possível encontrar na base de dados Endovélico 7 estações atribuídas ao Aurinhacense, sendo três estações localizadas em gruta e 4 a sítios de ar livre (Fig.2). Das 31 jazidas atribuídas ao Gravetense 7 são em contexto de gruta ou abrigo e 24 em jazidas de ar livre. Ao Protosolutrense estão associados 19 sítios divididos quase equivalentemente entre as grutas (N= 9) e o ar livre (N=10). Deparamos com o mesmo cenário no Solutrense, onde os 29 sítios se distribuem equitativamente entre gruta (N=14) e estações de ar livre (N=16). Dos 33 sítios que definem o Madalenense 7 encontram-se em contextos de gruta enquanto 28 foram identificadas em contextos de ar livre. O reduzido número de ocorrências atribuídas atribuídas ao Epipaleolítico (4) encontram-se todas relacionadas com sítios de ar livre.

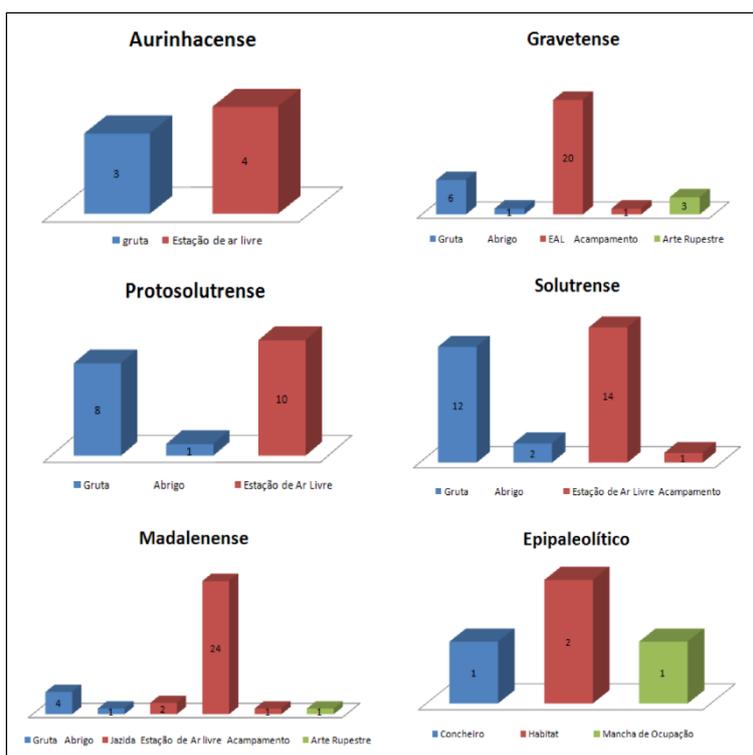


Fig. 2. Designação dos sítios referenciados para as diferentes fases do Paleolítico superior, como aparecem na base de dados Endovélico.

A questão da variabilidade geográfica das ocupações humanas do Paleolítico enferma de um problema já anteriormente referido, a falta de concordância entre o registo arqueológico atualmente disponível e a verdadeira realidade da ocupação humana durante este período, no território português. Embora seja utópico almejar uma perspetiva abrangente da globalidade desta ocupação, tanto espacial como diacrónica, os dados concretos de que se dispõe indiciam uma enorme disparidade entre os dados de superfície e os sítios onde existem dados concretos de escavação. Por outro lado, o facto de ser mais previsível a identificação de ocupações humanas em grutas, para os períodos pré – históricos, e ser mais difícil a identificação de estações estratigraficamente bem conservadas em sítios de ar livre, levou a uma sobrevalorização das investigações em contextos cársicos relativamente aos últimos.

No entanto, analisando os dados acima referidos verifica-se durante o Paleolítico inferior e o Paleolítico médio a presença de um maior número de contextos de ar livre em relação a ocupações em gruta/ abrigo. A tendência apresentada pelo Paleolítico superior genérico aponta para o mesmo sentido. Agora, quando se olha para os dados relacionados com as estações atribuídas a uma determinada fase cultural do Paleolítico superior, outras ilações são possíveis. Embora o universo da amostra relativa

ao Aurinhacense seja demasiado reduzido, verifica-se uma presença quase idêntica de sítios identificados em grutas ou ao ar livre. Com um número maior de estações associadas, no Gravetense aparece uma maior distribuição de sítios em contextos de ar livre. Nas duas fases seguintes, Protosolutrense e Solutrense, as ocupações de gruta e as jazidas de ar livre equivalem-se em número. No Madalenense volta a observar-se uma maioria significativa de estações de ar livre, tendência mantida no Epipaleolítico, neste caso com a totalidade das poucas jazidas adscritas a esta fase a serem identificadas ao ar livre.

A ocupação de uma gruta por parte de um grupo de caçadores-recolectores, está dependente de vários fatores como a visibilidade da cavidade, a sua localização e, claro, se está ocupada por outros predadores. No sudoeste da Alemanha, a sazonalidade sugere que as grutas eram preferencialmente usadas no inverno e na primavera, quando as condições climáticas eram particularmente hostis (Conard *et al* 2012).

No nosso país, onde o clima terá sido sempre mais ameno, regista-se, porém, uma maior frequência das grutas durante o Protosolutrense e o Solutrense, fato que poderá indiciar condições de vida mais agrestes durante o Último Máximo Glaciar. Este tipo de relação, com um aumento da ocupação de grutas com períodos climáticos mais adversos, já foi sugerido, para o território atualmente português, há algum tempo (Antunes *et al*, 1989).

Outro fator que reduz significativamente a possibilidade de comparações entre sítios tem a ver com a dificuldade em conseguir datações absolutas para sítios mais antigos. Estações do Paleolítico inferior, cujos registos arqueológicos se encontrem em boas condições, são muito escassas. Para este período, apenas cinco sítios: Gruta da Oliveira, Galeria Pesada-Aroeira, Vale do Forno 2 e 8 e Ribeira da Atalaia apresentam datações. Além de resultarem de vários métodos de datação distintos, as datações recolhidas para o Vale do Forno, com uma indústria típica do Paleolítico inferior, colidem temporalmente com as datações do Paleolítico médio inicial da estação dos Pegos do Tejo 2, situada mais a montante na zona das Portas de Rodão (Cunha *et al*, 2012). Já para o Paleolítico médio, o espectro de datações amplia-se significativamente, registando-se 15 estações de gruta e ar livre das quais se conseguiu recolher informações cronológicas mais precisas (Almeida, 2014). Embora algumas destas estações, aquelas identificadas em gruta, tenham sequências estratigráficas mais complexas e um registo

mais numeroso de análises cronológicas, uma vez mais observa-se o uso de vários métodos de datação diferentes entre OSL e C14. Um cenário diferente parece verificar-se no Paleolítico superior, onde o número de estações datadas com precisão já soma quatro dezenas para um conjunto total de cerca de 270 datações segundo a *Radiocarbon Palaeolithic Europe Database v20* (Vermeersch, 2016).

1.2. O registo arqueológico.

As estações de gruta ocupadas durante o Paleolítico inferior são raras. As grutas com ocupações desse período com datações absolutas são ainda mais escassas. Na Estremadura, perto de Torres Novas, na nascente do rio Almonda, foi escavada uma cavidade, a Galeria Pesada/ Aroeira, que além de uma indústria lítica também forneceu abundante fauna e, principalmente, preciosas datações (Marks *et al*, 2002). Essas datações preliminares atiram a cronologia do nível B das ocupações aqui identificadas, para cerca de 200/240 milhares de anos, ou seja para o final do Paleolítico inferior. Os vestígios líticos e faunísticos indiciam que foram aqui desenvolvidas atividades de aproveitamento primário (desmanche) e secundário (aproveitamento de tutano) de carcaças de equídeos e cervídeos. Este tipo de atividades, somada a existência de retoque de reavivamento de gumes nos utensílios, invalida uma ocupação da gruta de curta duração. Esta característica da utensilagem associada ao reduzido número de núcleos exumados, excluiu a possibilidade de se tratar de uma oficina de talhe. O estudo da fauna recolhida parece indicar que se está na presença de um acampamento associado a uma sazonalidade de frequência que ocorreu possivelmente durante a primavera e o verão (Marks *et al*, 2002). A existência de vários níveis arqueológicos de ocupação com concentrações de artefactos e restos de grandes vertebrados supõe ocupações frequentes e regulares da cavidade. A presença de peças de todo o esqueleto anatómico de cervídeos indicam um acesso primário às carcaças, antes de qualquer outro carnívoro, quer seja através da caça ou de aproveitamento de animais mortos.

Continuando na Estremadura portuguesa mas avançando amplamente no tempo, até ao Paleolítico superior, uma outra cavidade, a Lapa do Anecrial localizada na encosta sul do *poldje* dos Alvados (Zilhão, 1997) merece a referência. Esta gruta apresenta um registo arqueológico constituído por três ocupações do Proto-Solutrense, Gravetense final e Gravetense, recolhidas em contextos datados (Almeida, 2007). A

indústria lítica do nível adscrito ao Gravetense final foi alvo de um trabalho sistemático de remontagem, tendo sido o primeiro sítio do Paleolítico superior da Estremadura onde tal ocorreu (Almeida, 2001). A excelente preservação destes contextos arqueológicos permitiu retirar todo um conjunto vasto de informação sobre a génese e funções desta ocupação. Conseguiu-se definir que esta ocupação resulta da atividade efémera de um pequeno grupo, de pelo menos três indivíduos, em passagem pelo maciço calcário estremenho. Nesta cavidade assaram e consumiram pelo menos 15 coelhos, cujas peles foram levadas aquando do abandono do local. Os vestígios de talhe recolhidos em escavação permitem dizer que prepararam ou repararam as suas armas, utensílios compósitos, enquanto permaneceram na cavidade (Almeida, 2007). A origem externa aos contextos geológicos da zona da cavidade dos blocos debitados informa-nos sobre o sistema de mobilidade destas populações, evidenciando um sentido de antecipação das suas necessidades.

O estudo da origem da matéria-prima recolhida noutras estações do Paleolítico superior, nomeadamente nas estações identificadas, escavadas e datadas no Vale do rio Côa e afluentes, tem contribuído fortemente para a compreensão dos fenómenos de mobilidade das populações desta época. O estudo da indústria lítica recolhida nos vários sítios aqui identificados permitiu retirar algumas conclusões muito interessantes sobre as áreas de origem da matéria-prima. A análise petrológica conduzida sobre estas indústrias líticas revela um espaço geográfico de aprovisionamento de mais de 400 Km de extensão (Aubry, 2012). Este fenómeno estende-se a várias fases do Paleolítico superior do Côa. A dimensão deste território é, quando comparado com os dados etnográficos das sociedades de caçadores recolectores atuais, insustentável para uma só comunidade, devendo refletir a existência de uma rede alargada de relações sociais (Aubry, 2015). Além de contribuir com informações sobre a origem do aprovisionamento de matéria-prima, o sítio da Olga Grande 4, situado no planalto granítico, na margem direita da Ribeirinho a cerca de cinco km do grupo de gravuras da Penascosa, revelou ainda a existência de uma estrutura de combustão associada a vestígios gravetenses (Aubry, 1998). O estudo deste tipo de vestígios permite distinguir a funcionalidade deste tipo de ocupações, podendo ter servido de acampamento base para estas comunidades de caçadores-recolectores do Paleolítico superior.

Os vestígios de estruturas de combustão, mais numerosos no Paleolítico superior, representam um comportamento fundamental na percepção das capacidades técnicas das populações pré-históricas. A maioria dos investigadores concorda que a adaptação tecnológica, que consiste no controlo e uso do fogo, constitui uma mudança decisiva na forma de vida das comunidades de caçadores recolectores do Paleolítico. A conservação de vestígios de combustão em sítios de ar livre é mais problemática. Caso não existam vestígios estruturados torna-se impossível conseguir identificar áreas de combustão. O aparecimento do fogo no registo arqueológico tem sido alvo de amplo debate e várias explicações e localizações têm sido propostas. Os registos mais antigos de associações entre grupos humanos e o fogo têm sido apresentados em sítios do Plio-Plistocénico africano, datados de entre 2.0 e 1.5 Ma. Porém, o uso controlado do fogo nestes locais tem sido muito questionado, sendo apresentadas causas naturais para justificar a presença de fogo. Fora de África, a presença de faunas, vegetais e líticos queimados foram documentados no sítio de Gesher Benor Ya'aqov, com uma cronologia de 790 Ka (Goren-Inbar *et al.*, 2004).

As evidências registadas na Europa sugerem fortemente que o uso habitual e continuado do fogo datará da segunda metade do Plistocénico médio, não inviabilizando que possam ter ocorrido usos oportunistas e ocasionais antes deste período.

A frequência com que aparecem estruturas, que se podem definir como lareiras, no Paleolítico superior português não tem paralelo no período anterior. Os registos arqueológicos onde se identificam este tipo de vestígios, no Paleolítico médio são escassos, não tendo sido ainda identificados no Paleolítico inferior.

Voltando à Estremadura, na gruta da Buraca escura foi identificada uma lareira nos níveis sedimentares atribuídos ao Paleolítico médio (Aubry *et al.*, 2001). Esta seria uma das estruturas de combustão mais antigas, juntamente com a lareira identificada na camada 14 da Gruta da Oliveira (Angelucci e Zilhão, 2009).

Mais elucidativos têm sido os vestígios identificados nas Portas de Rodão, nas duas margens do rio Tejo, junto a Vila Velha de Ródão. Na margem direita, a estação de Vilas Ruivas, além de uma indústria lítica maioritariamente sobre quartzito, revelou a existência de estruturas de combustão complexas. Nesta estação, foi registada a existência de duas estruturas em arco constituídas por pedras, cujo intuito parece ser a

proteção de três lareiras inseridas nessa mesma estrutura. Além destes “para-ventos” foram detetadas ainda o que poderão ser quatro buracos de poste, com cerca de 20 cm de circunferência (Raposo, 1995; Silva e Raposo, 1982, GEPP, 1977).

Na margem esquerda, a estação de Pegos do Tejo 2 apresentou um conjunto de dados importantes para a identificação do controlo e uso do fogo de forma consistente. O uso do fogo neste local parece corroborado ainda pela presença do utensílio de quartzito queimado. Um denticulado sobre lasca apresenta alteração cromática que indica que o quartzito foi aquecido embora não existem evidências que possam definir se este aquecimento foi intencional ou simplesmente accidental. Este comportamento vem trazer novos dados sobre o modo de vida durante o final do Plistocénico médio, no território nacional. No que a estruturas diz respeito, confirmou-se a presença de uma lareira, já indiciada pela ausência de pedras nesta área aquando da 1.^a decapagem do sítio (Fig. 3).

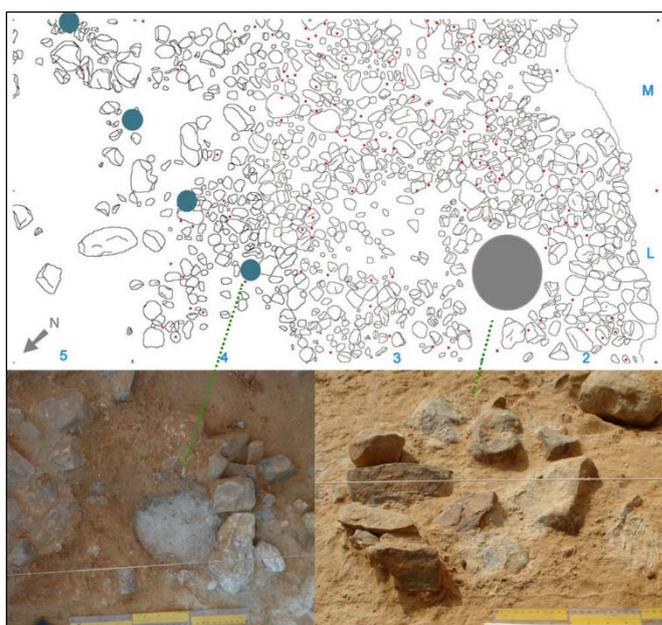


Fig. 3 - Estruturas identificadas na estação de Pegos do Tejo 2. Em cima: Registo gráfico do segundo nível de ocupação do com a identificação do empedrado, da localização da lareira (a cinzento), dos buracos de poste (a azul) e da indústria lítica (pontos vermelhos). Em baixo à esquerda: pormenor de um dos buracos de poste. Em baixo à direita: Pormenor da base da lareira (1.^o nível de ocupação).

Além desta lareira verificou-se a presença de umas anomalias sedimentares que poderiam indicar a presença de buracos de poste. Estas anomalias estão alinhadas e apresentam um espaçamento entre si constante. Pelas características apresentadas poderão de facto representar buracos de poste realizados para suportar um qualquer tipo de estrutura perecível. Esta conclusão parece ser corroborada pela análise espacial da

distribuição da indústria lítica recolhida. A presença de materiais líticos cessa junto à linha definida pelos buracos de poste o que poderá representar o que costuma denominar-se por efeito de parede.

A lareira identificada nesta estação apresenta uma forma sub-circular com um tamanho máximo de 65 cm. É constituída por uma base de blocos de quartzito proveniente das cristas quartzíticas, abundante em toda a encosta. O empedrado superior é composto pelo mesmo tipo de quartzito e algum quartzo leitoso. Durante a escavação do interior desta estrutura foram recolhidos seixos com indícios de alteração térmica acentuada. O sedimento do interior da lareira apresentava uma cor ligeiramente mais escura. Algumas das pedras que limitam o anel superior apresentavam sinais de ruborização, como também apresentam essa mesma ruborização as pedras de base, que também se preservaram.

O grande número de sítios, principalmente do Paleolítico médio, registados na zona das Portas de Rodão pode fornecer mais alguns elementos para a compreensão da forma como estas populações percebiam o meio em que se movimentavam e a importância do Rio Tejo na génese desses movimentos.

Há, de facto, mais funcionalidades nos rios para além do simples abastecimento de água. Há vias de comunicação que permitem melhores deslocações, são elementos “vertebradores” fundamentais do território (Carrión *et al*, 2008). Há trilhos, caminhos, vaus imprescindíveis para a movimentação de populações nómadas e dos animais que lhes serviam de alimento.

A importância dos vaus, para transposição de barreiras fluviais, que permitiam a movimentação de populações de caçadores-recolectores, precisa de ser novamente realçada. A localização cartográfica dos sítios, referenciados na zona das Portas do Rodão como pertencentes ao Paleolítico médio, parece indicar essa possibilidade. Verifica-se que as estações desse período se distribuem segundo um eixo principal, de orientação norte/sul, que poderão indicar a existência de um vau utilizado pelos grupos humanos para atravessar o Tejo (Fig.4). Essa possibilidade é mais forte se se tiver em consideração que, em tempos históricos, existem testemunhos que era possível atravessar o Tejo nesta zona. As populações mais idosas da aldeia de Arneiro, recordam-se desses tempos, antes da construção da barragem do Fratel.

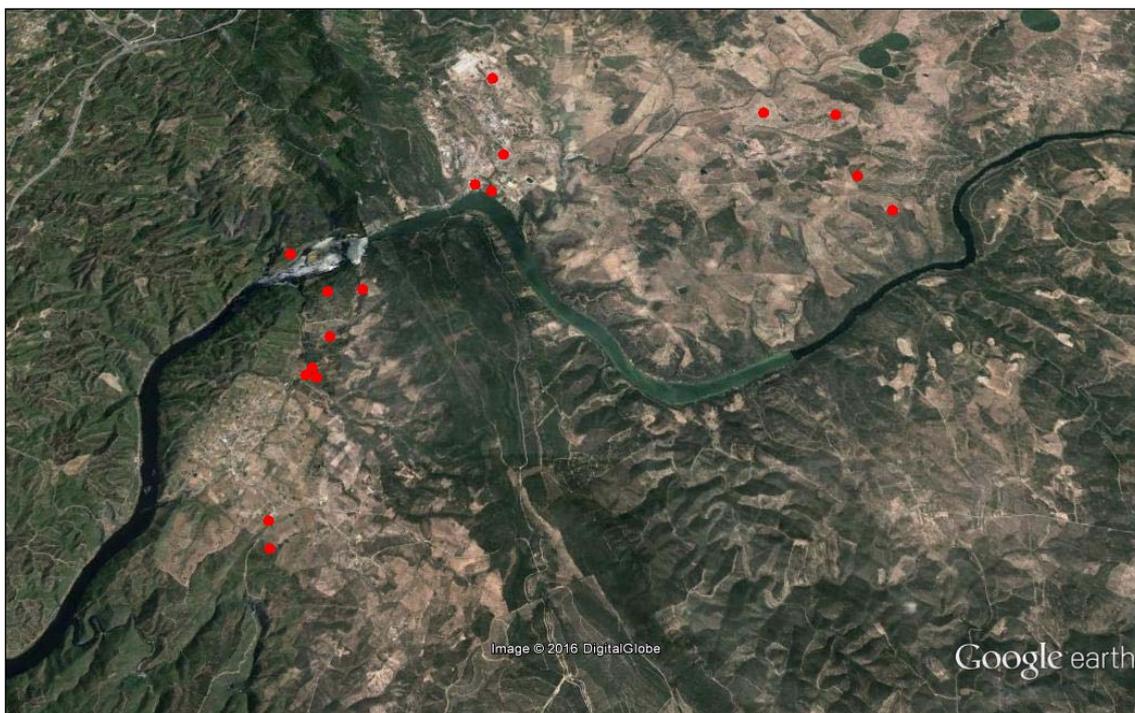


Fig. 4. Vista aérea da zona das Portas de Ródão com a identificação das estações atribuídas ao Paleolítico médio (pontos vermelhos). O vau histórico situa-se na parte do rio onde são visíveis manchas brancas.

2. Conclusões

O filtro opaco que ainda cobre grande parte do conhecimento disponível sobre o Paleolítico português impede uma visão global deste período. O número diminuto de estações que apresentam dados apenas permite vislumbrar alguns episódios fugazes que emergem da extensa névoa do passado ainda ignorado. Os dados analisados demonstram um predomínio claro de ocupações de ar livre para implantação de paragens de média duração ou recorrentes. Esta tendência é transversal a todos os períodos do Paleolítico.

A análise de dados permite destriçar que a ocupação de abrigos e grutas surge através de episódios esporádicos, de curta duração. O estudo das faunas e espólio lítico recolhido em grutas revela que a sua ocupação ocorre principalmente durante episódios específicos (expedições de caça?) ou associados a períodos climáticos mais frios. A equidade da distribuição de estações identificadas em gruta/abrigo e ao ar livre, registadas durante o Último Máximo Glaciar, vai nesse sentido.

Parece existir desde Paleolítico inferior (final) e durante Paleolítico médio/superior uma diferenciação na funcionalidade principal das ocupações, embora com coexistência de várias atividades imprescindíveis para as sociedades de caçadores

recolectores. O reconhecimento de uma atividade preponderante num determinado sítio implica a existência de locais onde a preponderância funcional seria de outro tipo. A ser verdade esta reflexão levaria à existência de dispersão geográfica das funcionalidades das ocupações humanas (expedições de caça, produção de ferramentas, acampamentos de média /longa duração...). Este ponto parece ser corroborado por outro elemento que chegou até ao presente, a estruturação complexa do espaço. A existência de acampamentos com organização interna centrada em estruturas de combustão complexas, apreça no registo arqueológico desde o Paleolítico médio, embora existam vestígios do uso do fogo em ocupações humanas desde o Paleolítico inferior.

A multiplicidade de jazidas divergindo entre si na sua função base e separadas geograficamente sugere a existência de um reconhecimento do espaço e a definição de um território frequentado. Este *habitat*, tendo em atenção os estudos petrológicos realizadas em estações do Paleolítico inferior (final) e Paleolítico médio, seriam de curto/medio alcance (máximo de 25 km). Não existem dados que permitam tirar conclusões sobre a existência de movimento maior envergadura, de longo alcance.

Durante o Paleolítico superior já parece possível identificar movimentos de longo alcance. Porém mantém-se a dúvida sobre a natureza deste movimento. Será Real, correspondendo a um efetivo incremento da mobilidade dos grupos de caçadores-recolectores? Ou será simplesmente aparente, resultando do aumento demográfico que potencia os contatos entre grupos e consequentemente as trocas (de indivíduos, Matéria – prima, ideias)?

O que sobressaia do que acima se disse é que existe uma dicotomia significativa entre as várias fases o período Paleolítico em território atualmente português. Se em termos gerais ressalta um grande défice de dados, regista-se um incremento das informações de que se dispõe entre um Paleolítico inferior e um Paleolítico médio, mas o conhecimento existente sobre estes períodos fica ainda muito aquém dos registos que estão disponíveis para o Paleolítico superior. Existe uma necessidade real em aumentar o *corpus* de dados existentes sobre este período. Uma das tarefas a implementar nesse sentido consiste em aprofundar os dados existentes e ampliar o conhecimento. Nesse sentido deverá voltar-se as reservas dos museus e para realizar o estudo transversal dos espólios antigos, alguns dos quais pouco ou nada estudados. Outra vertente a

desenvolver prende-se com a realização de sondagens de caracterização em sítios de maior relevância. Na sequência deveria ser implementada uma campanha de datações de estações que apresentem melhores condições de preservação de materiais datáveis, com recurso a vários tipos de datação se possível.

Ainda é muito cedo para se estabelecerem generalizações sobre a vida dos nossos antepassados paleolíticos, pelo menos para os que por cá andaram há mais tempo. Pelos rasgões que a investigação vai criando na espessa cortina do tempo, transluzem alguns momentos esparsos da sua existência. O que chega até nós consiste apenas em alguns instantâneos fugazes de um filme de onde apenas conhecemos algumas curtas cenas. Procuram-se realizadores...

Bibliografia

ALMEIDA, F. (2001) - Cores, tools, or both? Methodological consideration for the study of carinated Lithic elements: the Portuguese case. In *Questioning the Answers: Resolving Fundamental Problems of the Early Upper Paleolithic* (M. A. Hays; P.T. Thacker eds.), BAR International Series 1005, 91-98.

ALMEIDA, F., BRUGAL, J.P., ZILHÃO, J. e PLISSON, H. (2007) - *An Upper Paleolithic Pompeii: Technology, Subsistence and Paleoethnography at Lapa do Anecrial*. In: Ferreira Bicho, N.ed.. *IV Congresso de Arqueologia peninsular (Faro, 14 a 19 de setembro de 2004)*, Faro, Centre de Estudos da Património - Universidade do Algarve, 119-139,

ALMEIDA, N. (2014) – O Paleolítico médio das Portão de Rodão, a margem esquerda (Nisa, Portugal): contributo para a sua caracterização cronoestratigráfica. Évora: Universidade de Évora (tese de doutoramento).

ANGELUCCI, D. E. e ZILHÃO, J. (2009) - Stratigraphy and formation processes of the Upper Pleistocene deposit at Gruta da Oliveira, Almonda karstic system, Torres Novas, Portugal. *Geoarchaeology*, 24 (3), 277-310.

ANTUNES, M. T., PEIXOTO CABRAL, J. M., CARDOSO, J. L., PAIS, J. e MONGE SOARES, A. (1989) - Paleolítico médio e superior em Portugal: datas C14 estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão. *Ciências da Terra (UNL)* Lisboa, n.º 10. 127-138

- AUBRY, T. (1998) - Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 1.Número 1, 5-25.
- AUBRY, T. (2015) - Peuplement de l'intérieur de la Péninsule Ibérique pendant le Paléolithique supérieur: où en est-on? *ARPI*. 03, 0-31.
- AUBRY, T., BRUGAL, J.-Ph., CHAUVIÈRE, F.-X., FIGUEIRAL, I., MOURA, M. H. e PLISSON, H. (2001) - Modalités d'occupations au Paléolithique supérieur dans la grotte de Buraca Escura (Redinha, Pombal, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 4.Número 2, 19-46.
- AUBRY, T., LUÍS, L. MANGADO LLACH, J., MATÍAS, H. (2012) - We will be known by the tracks we leave behind: exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*, 31, 528-550.
- BOCQUET-APPEL, J.P., DEMARS, P.Y., NOIRET, L., DOBROWSKY, D. (2005) - Estimates of Upper Palaeolithic meta-population size in Europe from archaeological data. *Journal of Archaeological Science*, 32, 1656-1668.
- CARRIÓN, E., BAENA, J., CONDE, C., CUARTERO, F. e ROCA, M. (2008) - Variabilidad tecnológica en el Musteriense de Cantabria. *Treballs d'Arqueologia*, 14, 279 - 318
- CONARD, N. J., BOLUS, M. e MÜNZEL, S.C. (2012) - Middle Paleolithic land use, spatial organization and settlement intensity in the Swabian Jura, southwestern Germany. *Quaternary International*, 247,236-245.
- CUNHA, P. P., ALMEIDA, N. A.C, AUBRY, T., MARTINS, A. A., MURRAY, A. S., BUYLAERT, J. P, SOHBATI, R., RAPOSO, L. e ROCHA, L. (2012) - Pleistocene sedimentary and human occupation records in the Arneiro depression (Lower Tejo River, central eastern Portugal). *Geomorphology Special Issue - Quaternary river terraces*, 78-90.
- ELLER, E., HAWKS, J. e RELETFORD, J. (2004) - Local Extinction and Recolonization, Species Effective Population Size, and Modern Human Origins. *Human Biology*, Volume 76, Number 5, October, 689-709

- G.E.P.P. (1977) - O Paleolítico As primeiras comunidades humanas de caçadores-recolectores Grupo para o Estudo do Paleolítico Português. Castelo Branco: Edição do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.
- GOREN-INBAR, N., ALPERSON, N., KISLEV, M.E., SIMCHONI, Y., BEM-NUN, A. e WERKER, E. (2004) - Evidence of Hominin Control of Fire at Gesher Benot Ya`aqov, Israel. *Science*, 304, 5671, 725-727
- MARKS, A.E., BRUGAL, J-Ph., CHABAI, V.P., MONIGAL, K., GOLDBERG, P., HOCKETT, B., PEMAN, E., ELORZA M. e MALLOL C. (2002) - Le gisement pléistocène moyen de Galeria Pesada (Estrémadure, Portugal): premiers résultats. *Paleo*, 14, 77-100.
- RAPOSO, L. (1995) - Ambientes, territorios y subsistència en el Paleolítico médio de Portugal, *Complutum*, 6, 57-77.
- SILVA, A.C. e RAPOSO, L. (1982) - A estação de Vila Ruivas. *Informação Arqueológica*, 2. IPPC. Lisboa, 43-48
- VERMEERSCH, P. (2016) - *Radiocarbon Palaeolithic Europe Database v20* (consultada em <http://ees.kuleuven.be/geography/projects/14c-palaeolithic/download/>.)
- ZILHÃO, J. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa, Edições Colibri.
- ZILHÃO, J. (2001) - Middle Paleolithic Settlement Patterns in Portugal, in Conard, N ed. *Settlement Dynamics of the Middle Paleolithic and Middle Stone Age*, Tubingen, Kerns Verlag, 597-608.